

O PANORAMA.

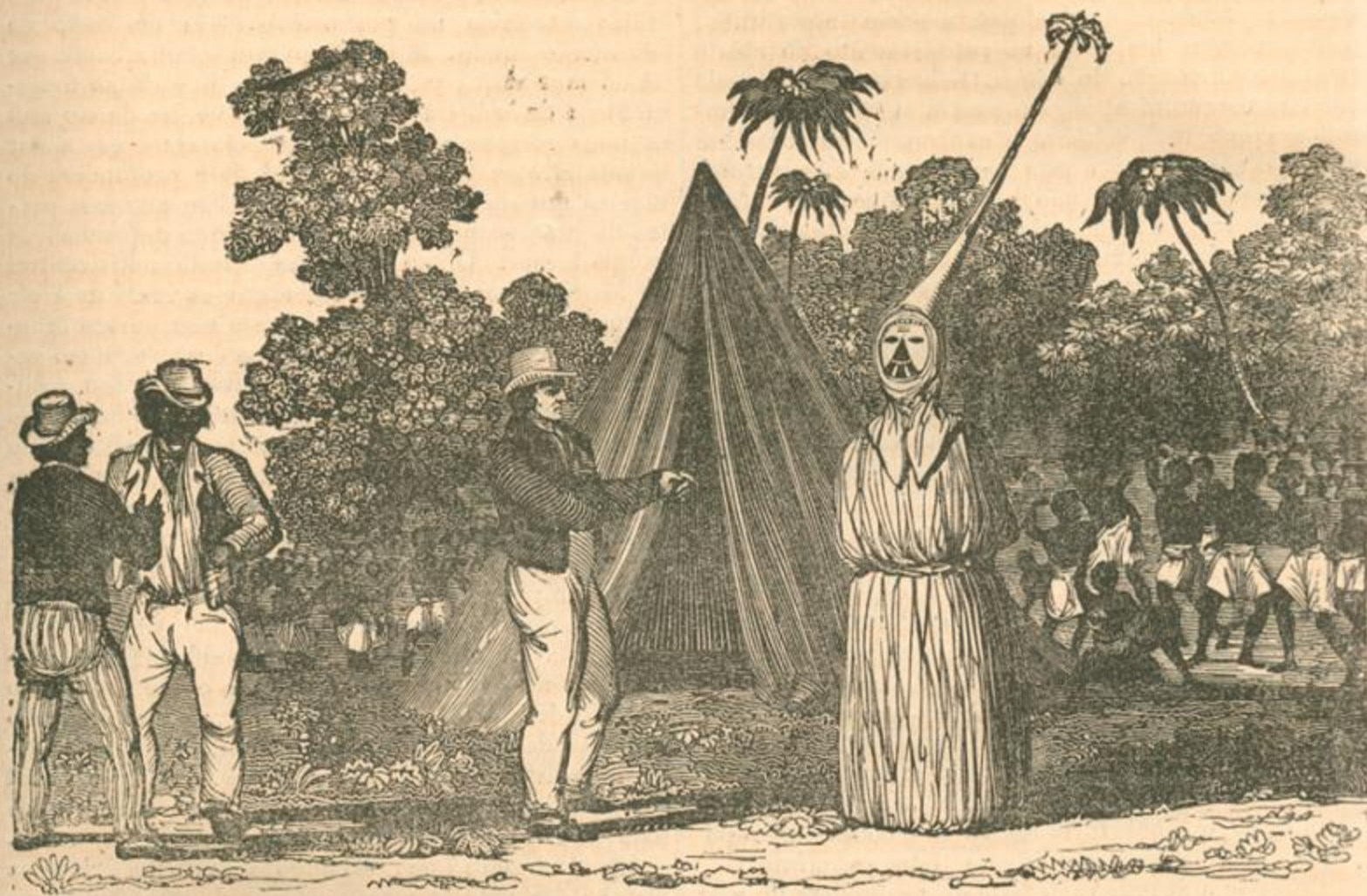
JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis.

139)

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (DEZEMBRO 23, 1839)



VISITA D'UNS MARUJOS INGLEZES A UM IDOLO D'ACRA NA COSTA D'AFRICA.

SUPERSTIÇÕES DOS AFRICANOS DA COSTA DO OURO.

A RELIGIÃO [se é possível dar este nome a uma crença vaga e absurda], que seguem os negros da região d'África chamada *Costa do Ouro*, divide-se em muitas seitas. Cada logarejo, cada familia tem suas opiniões particulares nesta materia: todos porem crêem ainda que confusamente na existencia da divindade creadora do Universo; e todos os annos expulsam o diabo das suas aldeias com certas ceremonias d'uso constante. Difficil seria dar exacta conta das idéias desta gente a respeito da criação: a maior parte tem para si que os homens foram feitos por uma aranha chamada *anansio*; porem os que crêem n'um Deus unico affirmam que este fizera a um tempo os brancos e os pretos, e que offertára a estas duas especies de creaturas o ouro e o conhecimento das artes; que os negros escolhendo primeiro preferiram o ouro e deixaram aos brancos o ler e escrever e as artes, e que Deus consentira na escolha, mas irritado da avareza dos negros os condemnára a serem escravos dos brancos.

Em toda a Costa do Ouro, só no districto d'Acra ha culto de idolos e figuras, de forma ridicula, como se vê na estampa, desenhada por um curioso da tripulação de uma embarcação ingleza, que na companhia de varios marinheiros pôde observar a seu salvo um similhante espantallo, que os negros com toda a reverencia adoravam como cheio de virtudes prodigiosas. Os mais habitantes do paiz tem os seus *fetiches*, palavra contrafeita do portuguez *feitigos*, e

Vol. III.

que lhes servem d'idolos. Todos os viajantes asseveram que estes objectos de veneração não tem forma determinada: um osso d'ave, uma espinha de peixe, um pedregulho, uma penna, em fim quaesquer bagatellas ficam sendo fetiches ou feitigos, conforme o capricho de cada negro; e assim possuem uns poucos, trazendo um cada pessoa, e deixando na choça os outros, que passam de pais a filhos como herança e com respeito proporcional aos serviços que a familia lhes atribue. Compram-os aos seus curandeiros ou padres; e quando soffrem alguma desgraça vão pedir-lhe a troco de presentes novos fetiches. Em honra delles cada negro se abstem de algum licor ou alimento, e com tanto escrupulo que, se violasse uma tal observancia, julgar-se-hia ameaçado pela morte como imminente castigo: por isso encontram-se muitos obstinados em não comer carne de boi, outros carne de cabra, outros em não beber vinho de palma, &c. &c. como quem disso faz depender a vida.

Alem dos *feitigos* domesticos a pretaria da Costa do Ouro reverencia outros publicos, como protectores do paiz, que se reduzem a uma arvore, ou um rochedo, um passaro ou um peixe. Um negro que por acaso matasse um animal consagrado pelo paiz seria logo punido, e o europeu que o mesmo fizesse expor-se-hia a grandissimo perigo de vida. Pensam que as altas montanhas, donde veem relampejar, são as moradas dos seus numes, e para ellas acarretam offertas d'arroz, fructos, legumes, e outros presentes. As pedras *feitigos* são parecidas com os nossos

marcos que dividem as propriedades ruraes. Na opinião dos pretos o culto dellas é tão antigo como o mundo. Estão persuadidos que os seus feitiços ouvem e fallam quando querem, e por isso se comettem alguma maldade de que lhes róa a consciencia os escondem cuidadosamente debaixo da tanga, com medo que os seus penates os vejam e castiguem. Receiam-se muito de jurar por estes idolos, e é opinião geral entre elles que o perjuro não sobrevive meia hora ao crime. Tractando-se de qualquer negocio importante, o que mais se empenha no cumprimento do ajuste pede a confirmação do feitiço. Bebendo o licor usado em taes ceremonias, rogam contra si pragas descommunes que lhes venham a cahir se acaso ousarem violar o contracto: e esta formalidade é espantosa.

Depois dos feitiços não ha cousa que tanto amedrente os negros como relampagos e trovões. Quando troveja fecham cuidadosamente as portas, e pasmam de ver passear os europeus sem mostrar inquietação. Acreditam que muitos dos seus patricios foram arrebatados por occasião de trovoadas pelos seus feitiços, sem depois haver mais novas delles. É tal o medo que cobram que fogem para as cabanas assim que presentem chuva ou vento tocado por temporal.

GEOGRAPHIA PHISICA.

2.º

HAVENDO tractado em o nosso N.º 124 dos phenomenos peculiares da parte solida do globo, faremos agora algumas observações ácerca do elemento fluido do mar. Este vasto corpo de agua que circunda os continentes, é o receptaculo de todos os rios, e indispensavelmente necessario para a conservação dos animaes e vegetaes que existem na terra; sendo alem disso o laboratorio donde se extrahê a evaporação que refrigera e vivifica a todos os animaes.

Prova-se a grande variedade da profundeza do mar pelas desigualdades que tem, semelhantes á superficie dos continentes. Ha muitos logares onde se não acha fundo; mas nem por isso deixam de o ter ainda que não alcancemos medi-los com a sonda. Lord Mulgrave não achou fundo no mar do norte com uma linha de 862 braças; nem M. Scoresby no de Groenlandia deitando outra de 1320 braças. Comtudo estas experiencias são falliveis, por isso que a menor circumstancia de que resulte a obliquidade da linha tirando-a do seu prumo, destroe o calculo. O que parece mais rasoavel é suppor que o fundo do oceano está em analogia com a superficie da terra; e neste caso é provavel que em algumas partes tenha profundidade igual á maior elevação das montanhas, isto é, de 20:000 a 30:000 pés.

Se causas exteriores não alterassem o nivel do oceano o achariamos igual por toda a parte, visto que seria geral e uniforme a pressão das particulas fluidas. Mas não pôde isto ter logar, tanto porque a maré não sobe n'um ponto dado ás diferentes alturas do oceano, como pela desigual acção do vento nas diversas regiões. Apezar destas circumstancias julga-se que o nivel da agua é mais elevado nos golphos que communicam estreitamente com o oceano, o que deve attribuir-se á accumulção da agua que o movimento geral do mar alli conserva em suspensão. Os engenheiros francezes no Egypto descobriram que o nivel do Mar-vermelho junto ao isthmo de Suez tinha de altura 35 pés mais do que o do Mediterraneo; e M. Humboldt descobriu, por observações que fez, que a agua do golpho do Mexico eleva-se 22 ou 25 pés mais em relação ao Mar-pacífico junto ao Panamá. Ainda quando fossem exactas

estas observações, não se segue d'ahi que se se abrisse um largo canal n'aquelles isthmos houvesse nas costas do mar mudança de consideração: — a porção de agua mais elevada dos ditos golphos confundir-se-hia insensivelmente no oceano. A affluencia da agua no Mar-vermelho de certo diminuiria ao approximar-se ás costas; e no golpho do Mexico apenas em Chagres ou Portobelo appareceria mudança sensivel.

A côr geral do oceano é verde azulado-escuro; nas costas é todavia um pouco mais clara em rasão do seu menor fundo. É mui provavel que a causa que dá ao mar esta côr, seja a mesma que dá ao firmamento a de azul celeste: — sendo os raios da côr azul os mais refrangiveis, passam pela agua em maior quantidade, e por isso a densidade e profundeza do mar os quebra com mais força. — Em algumas partes do mar veem-se outras côres, que dependem de causas locaes. Diz-se que para o lado mais central do Mediterraneo se descobre algumas vezes uma côr purpurea; — no golpho de Guiné o mar parece branco; — ao redor das ilhas Maldivas é negro, e em varias partes vermelho (*). É provavel que destas differenças de côres seja causa a immensa quantidade de miudissimos insectos marinhos que existem em certas paragens: — a natureza do fundo do mar; ou a infusão de vegetaes marinhos dissolvidos na agua. A côr verde, bem como a amarella, que se veem em algumas partes do mar oriental, são formadas quasi sempre por vegetaes marinhos que nascem na sua superficie ou proximo della.

A agua do mar contem muitas substancias estranhas, como o acido muriatico, o acido sulphurico ou vitriolo, o alkali fixo mineral, a magnesia e o sulphato de cal. Evaporadas ao sol, como se pratica nas salinas de Setubal, Alcacer, &c. produz sal commum que os chimicos denominam muriato de soda, mui preferivel ao das minas para salgar carne.

Observaremos que, segundo se affirma, a agua visinha dos pólos é menos salgada do que a proxima aos tropicos: — se assim é deve attribuir-se a causa á grande quantidade de gelo e neve que ha n'aquella zona. Outras investigações tem dado logar a suppor que a agua do mar é menos salgada na superficie do que no fundo. A sensação amarga que excita no paladar é causada pela materia vegetal e animal que contem em estado de decomposição. Funda-se esta conjectura no facto de que a agua a cem ou dusentas braças de fundo perde semelhante amargo. Está provado que os corpos fluctuam mais na agua do mar do que na agua doce, o que provem da maior densidade d'aquella, como se verá pela seguinte tabella da gravidade especifica e proporcional das diferentes especies d'agua.

Agua distillada	1:000
” pura de manancial	1:003
” clara do rio	1:010
” do mar	1:023

Temperatura da agua do mar. — A temperatura da agua não se acha exposta a variações tão repentinas como a atmosphera, nem tão sujeita como esta aos extremos graus de calor e frio. — Pôde seguramente affirmar-se que em nenhuma estação ou latitude excede de 85 a 86 graus de Fahrenheit, ou 24 de Reaumur. — Ninguem duvida que os bancos ou baixios influem parcialmente na diminuição da temperatura do oceano; porem o que mais a modera são as correntes que reúnem aguas de diferentes profundidades e regiões. As aguas do golpho do Mexico são mais quentes que as do mar visinho, e as da costa do Chili são mais frias que as do mar lar-

(*) Vide Panorama pag. 381 deste vol.

go; porém como as correntes em uma e outra parte juntam promptamente as aguas, segue-se d'ahi que a temperatura se conserva em termo médio. No 2.^o tomo da = Narrativa Pessoal = menciona M. de Humboldt varias experiencias que fez no seu trajecto de Hespanha a Venezuela, desde 9 de Junho até 15 de Julho de 1799. Reproduzimo-las na seguinte tabella, servindo-nos das escallas de Reaumur e Fahrenheit para maior intelligencia dos que só conhecem um destes thermometros.

Lat.	N.	Long.	O.	Temp. na superficie.			
				Fahrenheit.		Reaumur.	
39 ^o	10 ^t	10 ^o	18 ^t	59 ^o	00 ^t	12 ^o	0 ^t
34	30	10	55	61	34	12 ^o	8
32	16	11	4	63	36	13	7
30	36	10	54	65	48	14	7
29	18	10	40	66	74	15	2
26	51	13	4	68	00	16	0
20	8	22	42	70	16	17	0
17	57	27	2	72	32	17	9
14	57	38	10	74	66	18	8
13	51	43	13	76	46	19	7
10	46	54	24	78	44	20	6

Quevedo, Charruca, e outros navegadores fizeram identicas observações em quasi todos os pontos do oceano atlantico, achando em resultado, com mui pequenas alterações, as temperaturas designadas n'aquella tabella. Nos tropicos não se conhece differença entre o atlantico pacifico e o mar da India. Alguma, ainda que insignificante, se achou desde o tropico até os 40 gráus; comtudo subindo destes, o hemispherio do sul é mais frio que o do norte, e o gelo se estende oito ou dez gráus de latitude mais que no mar arctico; — o que se attribue a não haver terra desde 60 gráus até o pólo antarctico.

Aonde se accumula maior quantidade de gelo é nas bahias e canaes situados entre grupos de ilhas, por isso que a agua tem ahi menos fundo e a acção das ondas é mais moderada. A navegação do Baltico todos os annos se interrompe pelo motivo de se converter em gelo aquelle mar por varios mezes, apesar de que o oceano nas maiores latitudes se conserva fluido e permite o transito das embarcações.

O gelo dos mares polares toma varias figuras e apparencias. — Nas latitudes mais altas ha campos de gelo cujo termo se não vê, e outros com muitas leguas de extensão. O que communmente se encontra são ilhas fluctuantes de gelo que parecem serras na elevação — de differentes figuras, e conservando um lado perpendicular que se assemelha a obra da arte. Para se comprehender tal singularidade deve-se suppor que estes montões de gelo são compostos de pedaços despegados de enormes massas pelo peso proprio, ou pela acção das vagas que lhes mina os cimentos, arrojando-os depois os ventos e as correntes a outras partes do oceano.

Movimentos das aguas do mar. — Tres são os movimentos que agitam o mar: — 1.^o as marés; 2.^o as correntes; 3.^o os ventos.

Correntes. — As correntes tem origem em varias causas, algumas das quaes se encontram no elemento proprio. Podem provir de um impulso exterior, como temporal; da differença de temperatura entre dous mares, ou da desigualdade de evaporação na superficie dos mesmos mares em latitudes diversas. Estas causas produzem correntes permanentes ou accidentaes.

As correntes mais notaveis são as que seguem constantemente a mesma direcção. Ha uma que corre regularmente dos polos para o equador, e outra que

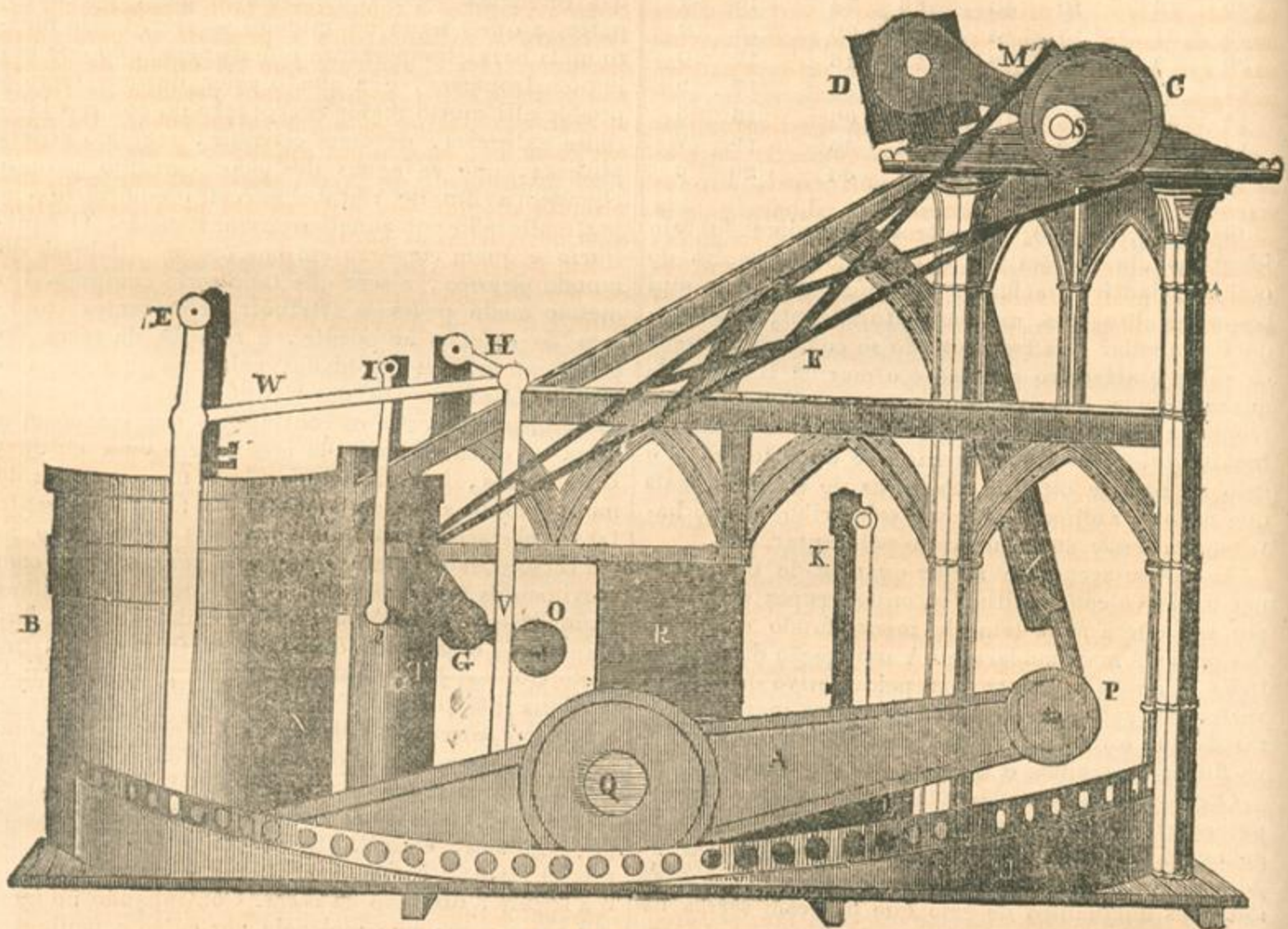
se move dentro de trinta gráus pelos lados do equador, do oriente ao poente. A existencia das duas correntes polares comprova-se pelas massas de neve que a si mesmas se agitam desde as regiões geladas ás temperadas, algumas vezes até os quarenta gráus. A existencia da corrente tropical acha-se igualmente provada pela direcção dos corpos fluctuantes sobre a agua, e pela notavel circumstancia de serem as embarcações que navegam da Europa á America arrojadas para o poente quando chegam á latitude das ilhas Canarias: — o mesmo succede ás que se dirigem da costa do Mexico ou do Perú ás Philippinas. Este movimento não póde ser causado pela brisa, pois se tem calculado que os navios andam muito mais do que pela força das vélas lhes era dado navegar. Concorda-se geralmente em que a força centrífuga produzida pela rotação da terra é a origem das correntes polares. Se attender-mos, por outra parte, a que a agua nos circulos polares, tendo muito mais baixa temperatura é mais pezada do que nas regiões tropicaes, e a que o calor da zona torrida produz alli muito maior evaporação do que nas latitudes extremas, devemos concluir, segundo as leis phisicas, que as aguas dos polos correrão para o equador a fim de restabelecerem o equilibrio em parte alterado por aquellas circumstancias. O equilibrio é quem conserva em boa ordem a fabrica do mundo physico, e sem elle tudo seria confusão. Do mesmo modo podemos attribuir as correntes tropicaes do oriente ao poente, á rotação da terra do poente ao oriente, ajudadas pela brisa que se conserva constantemente nas latitudes baixas de ambos as hemispherios. Se os continentes que compõem a terra se estendessem pelo oceano em uma ou duas tiras iguaes, haveria regularidade nas correntes do mar; porem a figura irregular da terra appresenta tantos obstaculos ao livre curso das aguas, que as faz retroceder e agitar d'um lado para o outro com movimentos tão rapidos quão perigosos. — As ilhas occidentaes e toda a costa oriental da America formam uma especie de dique ao curso geral ou corrente tropical do Atlantico, e como a linha daquelle dique está torcida, torcido é o curso que obriga a tomar á corrente. Olhe-se para o mappa da America, e ver-se-ha que desde o cabo de S. Roque no Brazil, cinco gráus de latitude sul se estende a costa em uma continuada linha ao noroeste até á ilha da Trindade, e d'alli até Sancta Martha. Esta direcção fórça a corrente a alterar o curso ordinario e a seguir a direcção da costa. Continuando no mesmo curso corre com violencia por entre a península de Yucatan e cabo de St.^o Antonio de Cuba, entra no golpho do Mexico, e embaraçada na costa de Vera-cruz corre pela da Luiziana e Florida, sahindo ao referido golpho com direcção ao norte. Encontra-se depois com o grande banco da Terra-nova aos 42 gráus de latitude, volta a leste até ás ilhas dos Açores, dirige-se ao estreito de Gibraltar, e baixando pelas Canarias e ilha da Madeira vai direito ao Cabo-branco aonde se envolve na grande torrente tropical depois de ter dado uma volta á roda do Atlantico. É provavel que parte da mesma corrente continue o seu giro desde Cabo-branco pela costa da Africa, pois é cousa averiguada pelos navegantes que o barco que se approxima á costa é levado pela corrente ao golpho de Guiné, d'onde sahe com difficuldade. A velocidade da corrente varia muito conforme o logar em que corre: — nas costas costuma ser mui forte, e nos pelagos mui lenta. Succede frequentemente que navegando um barco contra a corrente com vento regular a rasão de legua e meia por hora, ao cabo de uma singradura

se acha de repente mais atrasado que no dia anterior.

M. Humboldt calcula que uma embarcação sem impulso algum de vento, e movida só pela corrente, gasta tres mezes n'uma travessia das Canarias á costa de Caracas, e dez mezes na volta do Mexico até á frente d'Havana, ao passo que em quarenta dias póde fazer o giro do estreito da Florida á Terra-nova. É tambem certo que outro braço da corrente principal toma, proximo á costa do norte da America, o curso nordeste até a costa da Europa, sendo mui commum virem arrojadas aos littoraes da Islandia e Noruega plantas e fructos de arvores que só se dão nas ilhas occidentaes. O exemplo mais notavel, por se achar authenticado, é ter chegado á costa d'Esco-

cia o resto d'um barco queimado proximo á Jamaica. Outra corrente de que ha exacto conhecimento é a que passa do Atlantico ao Pacifico pelo estreito de Magalhães, e não ha duvida de que é um braço da corrente geral do outro hemispherio, que repellido da costa do Brazil faz curso pela costa da Patagonia.

Não sendo improvavel o haverem correntes baixas, não só differentes das superficiaes, mas em direcção opposta, é comtudo impossivel achar provas da sua existencia. Ha muito quem seja de opinião que no estreito de Gibraltar ha uma corrente baixa, pela qual volta ao oceano parte da agua que a corrente de cima alli arrojou. Mas a este respeito veja-se o que dissemos em o N.º 128 a pag. 328.



MACHINA DE BARCO DE VAPOR.

Da invenção e da applicação do vapor d'agua como força motriz já demos alguma noticia, a pag. 22 deste volume, que nos dispensa de tocar de novo esta especie. Limitar-nos-hemos á explicação das estandards que offerecemos aos leitores. A 1.^a representa a machina collocada no interior d'um barco de vapor, fabricada de ferro coado, e de solidez proporcional ao esforço que faz, aos movimentos do navio e á resistencia do mar. A letra B designa o cylindro do vapor. T é um tubo lateral que comunica entre a caldeira e o cylindro. Um systema de valvulas, connexo com a hastea I, dirige o vapor, ora sobre a parte superior do embolo, ora sob a parte inferior.

A hastea I faz mover a grande alavanca Q A P. O movimento perfeitamente vertical da hastea I em seu cylindro é determinado pela combinação d'alavancas W H V. A situação inferior da grande alavanca economisa espaço e concorre par collocar o centro de gravidade da maquina o mais baixo possivel—con-

dição esta que é essencial na estiva das embarcações.

A extremidade P da grande alavanca move o braço X, [letra mal perceptivel na gravura] cuja extremidade D é connexa á manivella M. O giro desta sobre o eixo S determina o movimento das rodas de pás situadas nas extremidades do mesmo eixo. Cada ascenso e descenso do embolo faz com que a manivella M complete uma revolução sobre o eixo.

C é uma roda, fixa ao eixo S, mas excentrica ao mesmo. O movimento do eixo comunica-se pela alavanca F á manivella Z, que por meio da alavanca nGO, movel sobre G, transfere o movimento á hastea nI. Dest'arte se regula a passagem superior e inferior do vapor. O globo metalico O serve de contrapeso.

O condensador U, e a hastea de sua bomba K ficam em grande parte occultos pelas outras peças da machina. Na parte inferior da estampa vê-se uma gradaria de ferro destinada ao resguardo dos operarios.

O deposito d'agua para a condensação assim como o fornecimento daquella que deve na caldeira produzir o vapor, são suppridos por bombas que, convenientemente movidas por communições com a grande alavanca, trabalham nas aguas em que o barco navega.

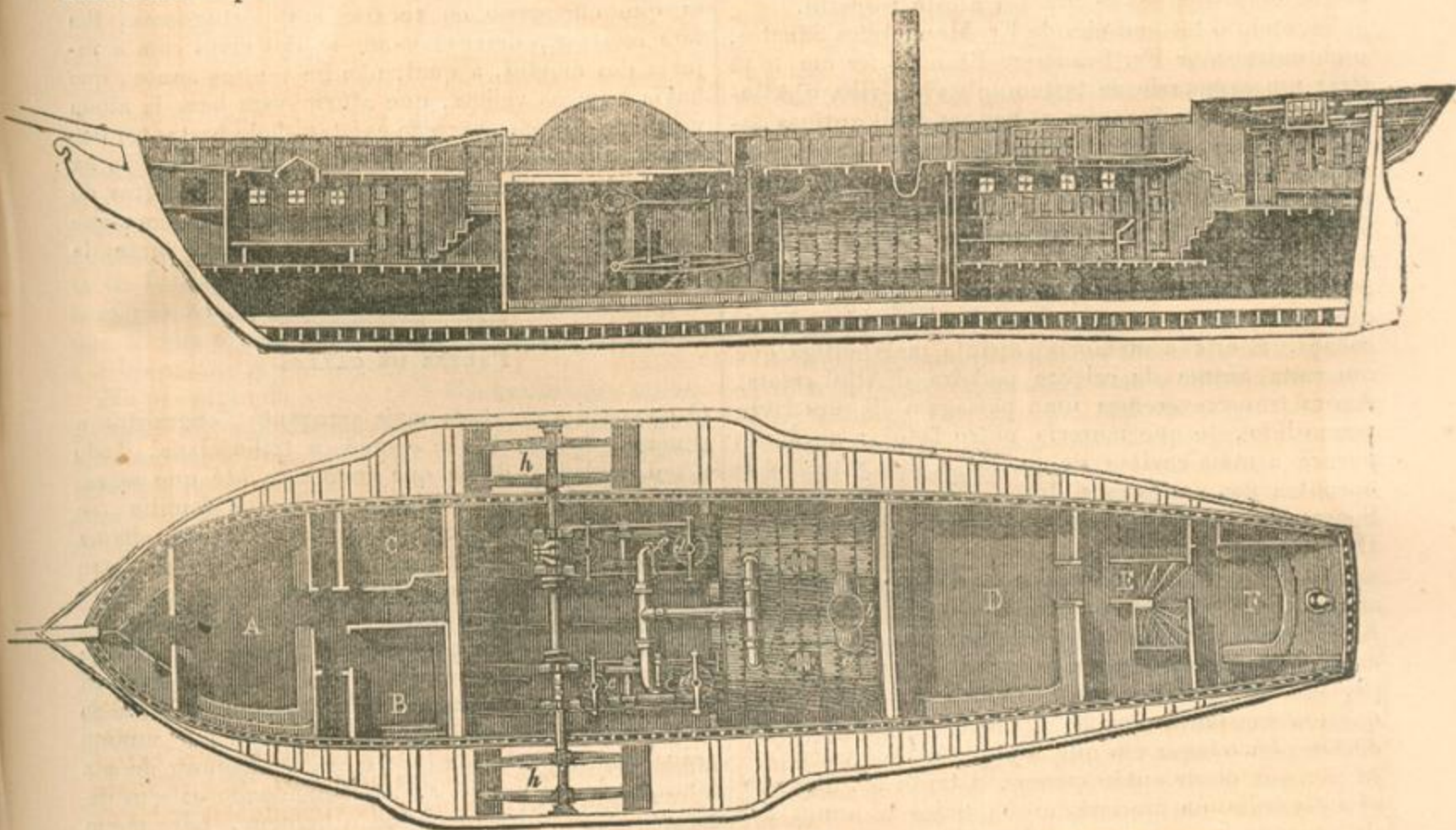
O mecanismo que temos descripto é duplicado em todos os barcos de vapor modernos. O vapor fornecido por uma unica caldeira, move duas machinas de força igual. Em alguns barcos cada uma destas emprega-se em dar movimento a uma das rodas externas de pás independentemente da outra roda; em outros, a força conjuncta das duas machinas emprega-se em communicar o movimento a um unico eixo, em cujas duas extremidades estão fixas as rodas de pás.

Passemos agora ás duas gravuras com que termina este artigo. A primeira é o córte vertical d'um barco de vapor, que mostra a collocação das machinas; e a segunda se comprehenderá pelas seguintes indicações.

A, camara de proa. *B*, camara do dispenseiro. *C*, dispensa. *D*, camara de popa que serve de sala de reunião e comida. *E*, escada principal. *F*, camara particular para senhoras. *a*, caldeira para a produção do vapor. *b*, chaminé para expulsão do fumo da fornalha. *c*, tubo do vapor que o leva aos cylindros *dd* pelas valvulas *f*. *e*, bomba d'ar. *hh*, as duas rodas de pás.

Ocioso é hoje querer provar as vantagens e a necessidade de empregar as machinas de vapor: todavia copiaremos as seguintes expressões, a este respeito, do architecto, Mr. Vincent;—O vapor, applicado como motor ás precisões sociaes, tem sido empregado por tal forma, ha cousa de vinte annos, que veio a ser um agente indispensavel para toda a nação que quizer aproveitar-se dos recursos industriaes que o seu territorio lhe offerece, e por-se em circumstancias de lutar com a industria das nações vizinhas. Por mui perigoso que este agente possa ser, é preciso emprega-lo e supportar as suas consequencias, querendo concorrer com os estrangeiros, ou, sem elle, renunciar a toda a especie d'industria: porque, se por meio do machinismo de vapor os povos que nos cercam podem fabricar mais economicamente do que nós, todas as nossas fabricas se arruinarão, seremos obrigados a renunciar a todo o commercio estrangeiro e a limitar-nos a produzir só para nosso consumo. Ora é evidente que tal ordem de cousas não pode existir, porque temos precisão de trocar os nossos productos pelos dos outros povos. Da mesma maneira, se o vapor applicado á marinha vier a ser instrumento de guerra usado por um povo, deveremos adoptar esse instrumento para nossa defesa afim de igualar as forças.”—

Em Fevereiro de 1838 a França contava 140 barcos movidos por vapor, a Inglaterra 500, e os Estados-Unidos da America do Norte 400.



VISTA SECCIONAL E PLANTA DA ARMAÇÃO D'UM BARCO DE VAPOR.

A PADEIRA D'ALJUBARROTA.

Das muitas tradições populares de Portugal uma das vulgarisadas e acceitas é a da famosa padeira de Aljubarrota, que depois da batalha dada juncto áquella povoação, entre D. João 1.^o de Portugal e D. João 1.^o de Castella, matou sete castelhanos com a pá do forno. Se imaginarmos que uma mulher, armada com uma pá, venceu e derrubou sete soldados em peleja igual, a tradição é absurda e incrível; mas

se attendermos a que estes sete homens podiam ser assassinados depois da batalha, quando as gentes d'elrei de Castella, cheias de fome e canção, se derramaram pelos arredores de Aljubarrota, sem offerecerem a minima resistencia a quem os accommettia, de que são testemunha os antigos chronistas, então a façanha da celebre padeira, perdendo grande parte do seu maravilhoso, se torna possivel. Reduzido assim á possibilidade, este successo tradicional, quer real, quer fabuloso, tem, em qualquer dos casos,

um valor historico, porque é um symbolo, uma expressão da idea viva e geral dos portuguezes daquelle tempo, o odio ao dominio estranho, e o rancor com que todas as classes de individuos guerreavam aquelles que pertendiam sugeita-los a esse dominio. A força de semelhante idea, ou antes sentimento, enraizado nos animos, e lançado nelles, alem de outras circumstancias, pelo character das nossas instituições primitivas, dá a razão porque, durante uns poucos de seculos este cantinho de terra, dividido da grande monarchia castelhana, soube resistir áquelle colosso, até que corrompidos os brios nacionaes com o ouro e vícios do reinado de D. João 3.^o, veio Portugal a succumbir aos pés do seu temeroso rival, d'onde só o poderam fazer alevantar affrontas e oppressões de sessenta annos. Se, pois, a padeira d'Aljubarrota é um *mytho*, uma invenção popular do seculo decimo quinto, nem por isso o desprezemos. Um povo que dava a uma mulher odio bastante contra os oppressores estranhos, para haver de assassinar a sangue-frio sete desses inimigos; um povo, dizemos, que assim symbolisava o seu modo de sentir a tal respeito, devia saber sustentar a independencia nacional.

Todavia, não seremos nós que desterraremos para o mundo dos phantasmas a famosa Brites d'Almeida, forneira d'Aljubarrota. Deixaremos os leitores ajuizarem da realidade, ou não realidade da sua existencia, pondo aqui as observações historicas, que em diversos tempos se fizeram a este respeito.

Segundo o testemunho de Fr. Manuel dos Sanctos, o chronista-mor Fr. Francisco Brandão fez em 1642 tirar um summario de testemunhas na villa d'Aljubarrota, em que juraram as pessoas mais antigas daquelles sitios, e do qual constava ter-se ahí conservado inalteravel a tradição daquelle successo, guardando-se a pá nos paços do concelho, a qual era de ferro com um cabo mais moderno de pau. Neste summario se dizia que Brites d'Almeida se chamava por alcunha a *Pisqueira*, e tinha a padaria na rua direita da villa, juncto ao celleiro dos frades d'Alcobaça. É esta a memoria escripta mais antiga que nos resta ácerca da celebre padeira d'Aljubarrota. Agora transcreveremos uma passagem de um livro pouco lido, [e que merecia outro fado] a qual nos parece a mais curiosa de quanto a este respeito se encontra nos nossos escriptores. Eis o que diz José Soares da Silva no tomo terceiro das Memorias de D. João 1.^o cap. 260.

« Por noticias produzidas da diligencia, que por ordem do illustrissimo bispo de Leiria D. Alvaro de Abranches, a instancia minha, se fez na mesma villa [Aljubarrota] depoz o parochio da dita freguezia [S. Vicente] e outras pessoas não menos fidedignas, que era constante aquella tradição; e junctamente declararam o logar em que hoje [1732] se guarda esta pá, que desde então conservou tanta fé, que não só a levavam na procissão, que todos os annos faziam no mesmo dia de 14 d'Agosto; mas quando este reino passava ao dominio de Castella, temendo os moradores desta villa que Philippe 2.^o quizesse extinguir-lhe esta memoria, consumindo o instrumento della, houve um homem dos seus mais principaes, por nome Manuel Pereira de Moura, que a metteu dentro de uma parede, que se fazia nos mesmos paços do concelho, [de donde, com grande grito e alvorogo do povo, se tirou depois no tempo da aclamação do invicto monarcha elrei D. João o 4.^o] e certamente que se não enganaram naquelle juizo, porque depois tiveram repetidas ordens de Madrid os vereadores da camara da mesma villa, para remetterem a tal pá para aquella côrte, de que po-

deram desculpar-se com dizer que não sabiam della.

« Chamava-se a tal forneira Brites d'Almeida, [cujo nome é o mesmo em todas as noticias, ainda que lhe não tragam a sobredicta alcunha] e as casas em que morava, ainda hoje ha homens que se lembram dellas, e posto que arruinadas, ainda se lhe viam duas janellas de pedraria, e em uma dellas esculpido um forno, como indice do que por detraz das ditas casas havia, nas quaes depois fizeram tambem celleiro os mesmos padres, juncto do que ja tinham; e dellas foi a ultima possuidora uma mulher, que tinha por alcunha a *tubaroa*, como tudo consta da inquirição referida, ainda que nella se não declare o como a forneira fizera estas mortes, nem tambem se diga o logar dellas, que sendo no tal forno, persuade a que os castelhanos se recolheram nelle, ou que entregues á imagem da morte, que é o somno, ou representando-a mais vivamente, porém com menos alma, em mortaes parocismos, facilitariam a que esta mulher com instrumento tão improprio, e desproporcionado os reduzisse de moribundos a cadaveres, como affirma a tradição.

Outra ha tambem naquella villa [ainda que menos constante] de que, depois da batalha, houvera alguns homens em Aljubarrota, que com impia curiosidade ajunetaram os ossos dos que nella morreram, e fizeram delles uma calçadinha, que ia de casa da forneira até o forno; e que, quando os castelhanos, que por alli passavam, diziam alguma coisa que offendesse ou tocasse aos portuguezes, lha iam mostrar, desaggravando-se dos vivos com a injuria dos mortos, a qual, não ha muitos annos, que havia homens velhos, que affirmavam have-la ainda visto, de cuja asseveração existem hoje bastantes testemunhas; e o P.^o Fr. Antonio da Purificação na 2.^a Parte da Chronica da Ordem dos Eremitas de St.^o Agostinho, a pag. 244 vers., diz tambem, que ainda no seu tempo se conservava muita parte da dicta calçada. — A. H.

PELEJA DE GALLOS.

O GALLO é a creatura mais arrogante, engraçada e generosa de quantas se compõe a tribu alada. Todo o seu cuidado, desde que amanhece até que se recolhe, é vigiar pela segurança da sua familia; se acha cousa que lhe possa servir de alimento, chama logo as companheiras para que della se utilizem; se teme o perigo dá logo aviso para evitar qualquer surpresa. A sua natural defenza lhe não permite brigar com animaes quadrupedes; porem quando se lhe oppõe outro da propria especie, não ha creatura mais valente e ousada em toda a natureza. Creado este animal folgasão para multiplicar em summo gráu a sua especie, e sendo o maior defensor de sua familia, ha-de perder a vida defendendo os seus direitos. É para lastimar que o homem, para quem foi creada esta ave, se valha de uma qualidade tão digna de apreço para que lhe sirva de recreio. Diz-se que os gregos foram os primeiros que fizeram da peleja dos gallos um espectaculo publico, com o intento de infundir no animo da mocidade o orgulho marcial e o amor da patria: e se esta foi a causa unica de a terem introduzido como instituição politica, podéra achar desculpa no excesso de patriotismo; não podem porem as nações modernas allegar escusa para continuar a appresentar ao publico um tão barbaro divertimento. Paizes ha que aspiram ao mais subido gráu de civilisação, e que procuram, comtudo, aggravar a crueldade destes espectaculos calçando esporas de aço aos pobres animaes, para

que se firmam mais rijamente, e demorando o combate até final exterminio de todos á excepção do derradeiro. Os inglezes ainda em nossos dias exercitam esta barbaridade desconhecida dos incultos africanos e das tribus selvagens da America. Largam na praça um certo numero de gallos, supponhamos dezeseis pares; mortos os dezeseis mais fracos, recolhem os vencedores por alguns minutos, e os lançam pela segunda vez á praça, oito contra oito; morrem os oito mais fracos, separam os mais valentes por alguns momentos, e os lançam pela terceira vez á praça para continuarem a peleja quatro contra quatro; mortos os quatro mais debeis, volvem pela quarta vez os vencedores a combater dous contra dous; morrem os dous mais fracos, separam-se os dous mais valentes, e voltam á praça pela quinta vez um contra o outro, até que morto o mesquinho fica um só em campo declarado o vencedor. Barbaridade incrível! Trinta e uma destas innocentes creaturas hão-de morrer para recrear um povo civilisado. Todo aquelle que se prezar de sensibilidade não deixará por certo de condemnar, como uma das scenas mais cruéis, os combates e mortes destas creaturas, cuja rivalidade não consente a presença de outro individuo da mesma especie; e ninguem deixará tambem de reconhecer que abusar das propensões que o Author da Natureza infundiu nas suas creaturas é ultrajar a sua divina sabedoria.

ORIGEM DO LAÇO TRICOLOR.

O LAÇO tricolor nem sempre foi emblema de liberdade, ou distinctivo de principios republicanos. Ha mais de seis seculos que os exercitos das cruzadas usaram as cores branca, encarnada e azul; e ainda que os individuos que se votaram á guerra e conquista da terra sancta adoptassem o emblema da cruz, nem por isso abandonaram o matiz das cores, pelo que a cruz vermelha designava as tropas francezas, e a branca as tropas inglezas.

No principio do seculo 18.^o formou-se uma alliança entre França, Hespanha, e Baviera, e para mais apertar os vinculos desta liga, determinou-se que os soldados destas tres nações se servissem das cores das suas bandeiras. Do branco do tope francez; do azul do Bavaro, e do encarnado do hespanhol se compoz o laço tricolor. Na marinha ingleza usou-se largo tempo deste laço, não em listões, á feição de bandeira, mas para distinguir as classes de almirantes pelo modo seguinte: signal encarnado para os de primeira classe, arvorado no mastro grande: branco para os de segunda, no traquete; e azul para os de terceira, no mastro de mesena.

O laço tricolor é hoje reputado o tope nacional da França, e a revolução adoptando-o o fez não o symbolo de revoluções, mas o d'uma nova ordem politica, ou de principios governativos, quer seja republica, imperio, ou reino sob qualquer modificação. Na restauração, só a contumacia hereditaria do ramo primogenito dos Bourbons seria capaz de proscrever uma bandeira declarada nacional, e sem a qual não pôde a mesma dynastia conservar-se no throno. Sendo o pendão tricolor a divisa da igualdade dos direitos civis, e a bandeira branca o emblema dos privilegios aristocraticos, é claro que haviam ambas luctar entre si, ficando vencida a que menos popularidade tivesse.

As relações historicas mais exactas a respeito da epocha em que se adoptou em França o laço tricolor, attribuem esta adopção á seguinte casualidade. Os

patriotas, n'um momento de entusiasmo, adornaram os seus chapéus com folhas verdes; e quando esta cor estava já admittida como emblema do partido republicano, veio de repente á lembrança que da mesma cor era a libré do conde d'Artois, o principe da familia dos Bourbons mais odiado em França. Necessario foi então mudar de divisa, e por suggestão de pessoa influente approvaram-se como nacionaes as cores da cidade de París que são o vermelho e azul, arvorando-se as respectivas bandeiras nos logares do costume. No momento em que os republicanos se saudavam mutuamente por semelhante motivo estava-se organisando em París a guarda nacional. Esta milicia, na qual se haviam alistado muitos generaes de grande popularidade, tinha adoptado o tope branco, não para defender os abusos do governo monarchico, ou hostilizar a dynastia dos Bourbons, mas para affiançar a todos os cidadãos a fruição dos direitos civis. Combinaram pois uns e outros em junctar a cor branca dos Bourbons ao azul e encarnado da cidade de París; e assim se formou a bandeira tricolor que gyrou victoriosa por quasi todo o continente da Europa.

Quando Luiz 18.^o entrou em París em 1815 lhe aconselhou Fouché que adoptasse a bandeira tricolor; porem um enredo da corte desviou o rei desta tenção. Fouché, não descendo do proposito, a inculcou novamente ao rei que lhe respondeu com asedume: "Para que heide eu trocar a minha bandeira por outra?" ... — Para que alguém o não tente fazer, Sr.; respondeu placidamente o duque d'Otranto. A suspeita do sagaz Fouché pouco tardou que se verificasse; por quanto o duque d'Orleans ao entrar em París em 1830 poz logo no seu chapéu o laço tricolor, dando assim a entender que manteria a igualdade, e liberdade dos cidadãos. Na primeira revisão da carta franceza acrescentou-se-lhe o seguinte artigo 67: *A França reassume as suas bandeiras, e não haverá de futuro outro laço senão o tricolor; o que prova que este tope é já reputado o emblema da França em opposição ao branco, distinctivo da familia dos Bourbons.*

A Hollanda tambem adoptou identicas cores quando se separou da Hespanha, com a unica differença de as collocar em direcção opposta á posição que occupam na bandeira franceza. Em quanto porem a laço só a França e Hespanha o teem usado: branco os empregados francezes e encarnado os hespanhoes. Mas tanto que foi moda na Europa o trazer laço adoptaram-no muitas nações, sem referencia alguma ás bandeiras nacionaes. A Hollanda adoptou a cor de laranja para o seu laço, em allusão ao nome da casa de Orange; — os russianos as cores preta e alaranjada; — os saxonios a branca e verde; — os prussianos a branca e preta; — e os portuguezes que por determinação das cortes constituintes de 1821 tinham usado o laço e bandeira azul e branca reassumiram nos ultimos tempos este emblema, por decreto da regencia que na Ilha Terceira governava em nome de S. M. a actual Rainha de Portugal. Até os pequenos estados da confederação germanica designaram cores para os seus laços, como se observa nas jornadas pela posta, quando se passa de um a outro territorio. A Prussia é a que parece mais satisfeita com as cores nacionaes: — as barreiras nas estradas das povoações, as bandeiras das postas; juncto aos quarteis; as guaritas das sentinellas; e até os ferros que seguram os candieiros das ruas de Berlim; tudo isto é pintado com riscas alternas de branco e preto.

Remedio para a rabugem dos cães.—Os caçadores,

principalmente, teem interesse em curar os cães da rabugem: podem portanto usar da seguinte receita, usada em varias partes da Normandia. Toma-se uma arraia, sêcca ao fumeiro, [como se vendem estes peixes em muitos logares marítimos] e poem-se a ferver em agua até se desfazer e ficar como colla. Com esta massa se dão as unturas aos cães, que ficam assim perfeitamente curados.

RIDICULARIAS DAS CRENÇAS DE POVOS
SEMI-BARBAROS.

CONTAREMOS duas anedotas que justificarão o titulo com que as apresentámos.

1.^a—Durante a guerra de Catharina 2.^a com a Russia, o sultão mandou prender no palacio das sete torres o embaixador russo Bulgakow com ordens tão apertadas que os janizaros que o guardavam passavam revista até ao pão que lhe ia de casa para comer. Um agente russo, sabendo que Bulgakow gostava muito de leitões assados, valeu-se do cosinheiro do embaixador, e quando tinha que lhe communicar qualquer cousa interessante receava um leitão com cartas e papeis, de forma que não se engordurassem, e mandava logo a iguaria á prisão. Bem sabida é a aversão que os turcos teem á carne de porco: portanto as sentinellas olhavam rapidamente para aquelle prato e o passavam ao carcereiro, que com a cara voltada para a banda levava ao preso a *immunda vianda*, como os turcos lhe chamam, e assim era o passador, sem o saber, da correspondencia secreta que o embaixador recebia. Informado o sultão do estratagemma, depois de feita a paz, disse com muita devoção: *A vontade de Allá seja feita: desse ou d'outro modo havia de cumprir-se.* Os turcos tambem são fatalistas.

2.^a—Os bramenes do Malabar acreditam firmemente e ensinam ao povo com rigor a doutrina da metempsychose, ou transmigração das almas. Aconteceu que certo judeu, negociante no paiz, achando-se á beira d'um rio, disparou a sua espingarda, e matou um passaro aquatico, chamado *perumel*, que é consagrado a um dos maiores deuses da India, que se reveste daquella forma volátil. Um malabar que viu cahir morto o passaro travou logo do pobre hebreu e foi-se com elle ao tribunal dos bramenes acompanhado de muitos indios que bradavam pela morte do sacrilego. Estremeceram os juizes ouvindo narrar o horrendo crime, mas o israelita, sem perturbar-se, allegou o seguinte em sua defeza:—“Sacerdotes, ha annos que morreu meu pai afogado naquelle rio, e por vontade dos deuses foi convertido em truta, segundo uma visão que tive. Passando eu ha pouco pela margem do rio observei uma truta que olhava para mim attentamente, e lembrou-me que seria meu pai. A este tempo vi que um passaro baixava para a tragar; e o amor filial me incitou a disparar a espingarda para salvar o meu querido pai.”—Os bramenes, que, alem de crerem na transmigração das almas, são mui restrictos no respeito que os filhos devem a seus progenitores, ficaram tão convencidos da justa defeza do accusado que mandaram que o deixassem ir livre e o não molestassem.

OUTROS THEOREMAS DE PLATÃO.

A dor e o prazer são visinhos.

O sabio longe de temer a morte deseja-a.

A philosophia é a separação da alma do poder dos sentidos, conservando-a livre da concupiscencia do

corpo. A morte não é mais do que a separação do corpo e sua anniquilação.

As virtudes politicas não são verdadeiras virtudes, porem simulacros das mesmas.

A philosophia é o caminho que conduz á felicidade; os seus principaes misteres são dous: contemplar a Deus, e separar a alma dos sentidos corporaes, sem lhe dar grande cuidado o corpo.

O maior premio que se conhece é a esperanza de uma futura felicidade, que consiste em viver com perfeita tranquillidade de espirito.

A alma é parenta de Deus. Participa da natureza divina, e é simples, invisivel, incorruptivel, e immortal.

A alma serve-se necessariamente do corpo como instrumento sem o qual nada pode obrar neste mundo; quando porem este se dissolve fica intacta e livre de toda a corrupção, passa a outra vida e existe eternamente.

Como nesta vida a alma pode praticar por intermedio do corpo algumas acções injustas e peccaminosas, justo é que haja uma vida futura em que se lhe faça justiça, e se estabeleça a differença entre justos e peccadores.

É uma loucura e impertinente superstição designar com modos de certeza o logar que as almas hão-de occupar na outra vida; comtudo é necessario que pensemos seriamente em que ha-de haver premios e castigos conforme as obras de cada um.

Tambem é verdade que as almas dos bons, livres da prisão do corpo, passam a um logar de delicias aonde se juntam com Deus; e que pelo contrario as almas dos injustos soffrerão as penas devidas ás suas más obras.

A alma, que é immortal, veio alojar-se n'um corpo mortal. Antes disto praticar, já ella conhecia a verdade eterna das cousas. Esta verdade está escondida na alma, e só a instrucção a póde descobrir; portanto aprender não é mais do que acordar.

A doutrina da immortalidade da alma ensina-nos a seguir o caminho da felicidade pela pratica das virtudes; e faz-nos fugir da infelicidade pelo aborrecimento dos vicios.

Os dois maiores vicios da alma são a ignorancia, e a maldade: a ignorancia é uma torpeza que só a dissipa o ensino; a maldade uma doença que só a cura o castigo regulado pelas leis. A peor de todas as ignorancias é a que mette na cabeça a um homem que é mais sabio do que os outros fazendo-o persuadir de que sabe o que realmente ignora. A maldade mais perniciososa é esquecer-mo-nos de Deus, não nos lembrando da vida futura.

(Extrahido do Fedon).

Modo de pintar portas, grades, varões de ferro &c. para resistirem ao tempo.—Ponham-se a derreter n'uma caldeira doze onças de resina, e quando esta estiver derretida deitem-se-lhe dez arrateis d'oleo de linhaça e tres pedaços d' enxofre: quando tudo estiver caldeado juncte-se-lhe oca, ou bolo armenio, na proporção conforme á cor que se quizer. Esta tinta da-se estando o mais quente possível. Passados alguns dias, sêcca a primeira demão, da-se a segunda. As madeiras, expostas ao tempo, sendo pintadas assim, conservam-se muitissimo.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora
dos Conhecimentos Uteis, rua nova do Carmo
N.º 39 = D.

LISEOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.